

"O PRIMADO DA PRESENÇA E O DIÁLOGO EM MARTIN BUBER" *

Newton A. von Zuben

Universidade Estadual de Campinas

O homem atual defronta-se com uma situação paradoxal: Sente-se perdido na massa, abandonado em sua solidão e ao mesmo tempo tomado pela esperança, por vezes indescritível e inefável, de realizar aquilo de que é ele o único capaz, a saber a mais intensa das comunicações: a relação amorosa.

O paradoxo é a paixão do pensamento, o pensador sem paixão é como um amante sem paixão, um sujeito medíocre. Martin Buber por ter assumido plenamente o paradoxo da existência humana tanto em sua vida quanto em suas obras, marca seu lugar na história como grande apaixonado pela esperança no humano. Como poucos, conseguiu articular de modo singular, a reflexão e a existência concreta. A fonte de seu pensamento foi sua existência e esta a manifestação histórica de suas convicções. Tido, por vezes, como filósofo, ele não se preocupou em jurar fidelidade às exigências convencionais do discurso filosófico. Ele preferiu ser conhecido como homem atípico. Sua preocupação sempre foi manter conversação com seu leitor, relacionar-se dialogalmente com ele; tratar com seu semelhante de coisas comuns da vida cotidiana. A eficácia ou a prova de validade de suas afirmações se fundem, em última análise, na ressonância entre tais afirmações e a experiência da vida cotidiana que o próprio leitor pode descobrir nas obras de Buber.

A obra de Buber ajuda a entender, creio, a questão do abalo da fé do homem em si mesmo. Parece entrarmos numa época que busca antes interpretar-se a partir de figuras míticas de Dionisos e de Orfeu do que a partir da figura de Prometeu. Acreditava-se na ideologia do progresso, do crescimento e da História que se orienta sempre para um futuro melhor. Acreditava-se nas possibilidades ilimitadas da razão, da ciência e da técnica. Hoje, os homens conhecem uma profunda angústia coletiva, pois pela primeira vez, a própria sobrevivência da espécie está em questão. O homem chega a perceber, claramente, a insuficiência da linguagem racional e científica na interpretação de dados fundamentais da existência humana. Diante disso procura-se um novo tipo de homem que reconheça toda a importância devida à imaginação, à gratuidade, ao simbólico, à criatividade.

Buber se esforça em propor uma saída para a crise em que se engolfa o homem contemporâneo. A solução é, segundo ele, o estabelecimento sólido da comunidade, a mais autêntica forma de organização

(*) Comunicação apresentada no Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, realizado em Agosto de 1981, na UNICAMP.

social. Só a vida em comunidade proporcionará os meios para uma existência melhor. Esta proposta será o molde para todas as outras, tanto no campo social quanto político e educacional. Tal proposta, não pode, no entanto, ser encarada como dogma. "A comunidade, afirma Buber, quando surgir deve satisfazer não a um conceito, mas a uma situação. A concretização da idéia de comunidade, como a concretização de qualquer idéia, não terá validade universal e permanente: ela será sempre apenas, uma resposta do momento a uma questão do momento" (Socialismo Utópico, 1971).

Neste quadro pode-se aprender a importância da filosofia do diálogo, esteio primordial para a idéia de comunidade que deverá ser constituída ou construída a partir de um novo tipo de relação entre os homens. Buber a denominou "dialógica" ou relação EU-TU.

Buber parte de um postulado primeiro que podemos chamar de "situação cotidiana", significando, com isso, que cada homem pelo simples fato de existir, defronta-se com o mundo, estabelecendo assim um vínculo de correlação que irá caracterizar seu próprio modo de ser.

O homem é, assim, um ser de relações. Ao defrontar com o mundo se atualiza, segundo Buber, pelas palavras-princípio que o EU pode proferir. O homem é capaz de múltiplas relações, que podem no entanto, reduzir-se basicamente a duas atitudes externadas pelas duas palavras-princípio: EU-TU e EU-ISSO. Buber se interessa pelo mundo enquanto correlato na relação diádica, EU-mundo. Do mesmo modo, não há EU em si, apenas o EU de uma das duas palavras-princípio.

A "situação cotidiana" nada mais é do que a relação que une o homem ao mundo ao ser proferida uma ou outra palavra-princípio. A relação não é uma propriedade do homem mas um evento que acontece entre o homem e o que lhe está em face. Tanto o EU quanto o mundo são caracterizados pela palavra-princípio proferida. Temos, então, de um lado, a abertura essencial do EU e, de outro, a doação imediata do ser. As palavras-princípio, por seu conteúdo e sua intencionalidade são verdadeiros princípios da existência humana. Estes princípios que orientam e sustentam a existência, princípios existenciais e "falados", proferidos, são duas formas de relação bipolar, duas intencionalidades dinâmicas. Trata-se de duas atitudes fundamentais e não de duas estruturas epistemológicas. A palavra-princípio, fonte de todas as relações, é dada na evidência de uma **atitude**.

A dupla atitude que o homem tem diante do mundo graças à dupla palavra-princípio, EU-TU e EU-ISSO, significam dois mundos: o mundo da relação — o EU-TU, e o chamado mundo do ISSO — da atitude cognoscitiva, objetivante. Estas duas atitudes são radicalmente distintas, segundo Buber. Por serem distintas, o homem toma uma ou

outra atitude alternadamente. EU-TU e EU-ISSO não são conceitos que exprimem algo externo, mas significam relações. Como vimos, EU - TU é a relação ontológica, esteio para a existência dialógica, para o diálogo; EU-ISSO, instaura o vínculo objetivamente, lugar e suporte da experimentação, do conhecimento, da utilização, “o reino dos verbos transitivos”, como chama Buber. À base da diferença entre as duas atitudes está na noção de totalidade que caracteriza a relação ontológica EU-TU. “A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser em sua totalidade”, afirma Buber. As palavras-princípio instauram dois modos de ser relacional e dois tipos de mundo. Ao EU da palavra-princípio EU-TU chama “pessoa”, e ao EU da palavra-princípio EU-ISSO, Buber chama “egótico”. O pólo correlativo ao EU-pessoa é um TU; e o pólo correlativo ao EU-egótico é um ISSO ou ELE ELA. Embora Buber empregue pronome pessoal TU – este não se refere necessariamente a pessoas, assim como o ISSO da relação EU-ISSO não se refere unicamente a coisas ou objetos. Ambos, TU e ISSO podem referir-se a pessoas, seres da natureza, objetos de arte e mesmo Deus. Podemos perceber que EU-TU e EU-ISSO ultrapassam ou ao menos se distinguem de nosso modo ordinário de abordar as coisas e as pessoas dirigindo nossa atenção não sobre seres ou objetos individuais ou sobre as suas conexões causais mas sobre relações de outro tipo que se estabelecem entre o homem e os seres que o envolvem no mundo cotidiano, no seu universo cultural individual ou social. Justamente para Buber, a esfera primordial, quando se trata de relações humanas, é a esfera do “entre”, lugar primordial e existencial onde acontecem os eventos autenticamente inter-humanos.

A atitude do homem em face do mundo se manifesta com uma palavra. Esta palavra, uma vez proferida, traz o homem à existência. Ela é realmente um princípio de existência. Não é simples função do EU. Ela é essencialmente relação, seja a relação mais intensa que Buber denominou **Beziehung**, seja o relacionamento cognoscitivo ou do tipo Sujeito-Objeto que Buber denominou **Verhältnis**. Por esta palavra o EU se projeta ao outro que lhe está defronte.

Um dos pontos de partida da meditação buberiana é uma reflexão sobre a linguagem. Buber não se interessa, no entanto, à maneira do cientista, pela estrutura lógica e abstrata da linguagem. Sua análise se restringe antes à linguagem como palavra proferida, a palavra como invocação do outro, aquela que gera resposta, aquela que se apresenta como manifestação de uma situação atual entre dois ou mais homens relacionados entre si por peculiar relação de reciprocidade. A palavra que, pela intencionalidade que a anima, é um dos componentes da estrutura da relação, do diálogo, esteio e atualização concreta do encontro inter-humano.

Para melhor se entender o sentido da palavra “atitude” que se concretiza nas palavras-princípio convém apreender o sentido do “conhe-

cimento" para Buber. Para este, na base da dualidade das atitudes está a "intuição" denominada "contemplação" — **Schauung** — que precede o conhecimento objetivo. Este é posterior à presença do ser que se oferece. Enquanto consideração, análise de um objeto, o conhecimento é posterior à intuição da presença do ser na relação originária EU-TU. "A palavra conhecer, diz, Buber, é empregada em dois sentidos: primeiro, na linguagem comum conhecer significa considerar coisa como objeto. Tal conhecimento se funda no relacionamento entre sujeito e objeto; em segundo lugar, outro sentido é atribuído à palavra conhecer, como o que lemos na frase bíblica: 'Adão conheceu Eva'. Aqui, entende-se a relação de ser para ser, na qual acontece um efetivo conhecer de EU e TU e não de um sujeito que conhece um objeto". (Buber — *Nachlese* — 1966.) A relação EU-TU seria uma relação ontológica e existencial que precederia o relacionamento cognoscitivo. Poderia mesmo afirmar que antes de conhecer a vivência o homem a vive e a relação objetivamente é um empobrecimento da densidade vivencial originária. A contemplação no face a face não é uma intuição cognoscitiva mas doação de um TU a um EU. Este se realiza na relação a um TU.

A relação EU-TU é anterior ao EU; a atitude EU-ISSO, de experimentação e de utilização como denomina Buber, nasce de um ajuntamento do EU e do ISSO. A relação EU-TU é imediata: aí acontece a recíproca "presentificação do EU e do TU". No relacionamento EU-ISSO se o ISSO está na presença do Sujeito-EU-não podemos dizer que o EU está na presença do ISSO. "O homem transformado, diz Buber, em EU que pronuncia o EU-ISSO coloca-se diante das coisas em vez de confrontar-se com elas no fluxo da ação recíproca". Na relação EU-TU o EU é determinado pela presença do outro que está em sua presença como TU. A alteridade é constitutiva do ser pessoal. Talvez esteja aí a base da afirmação de que o homem é um ser social.

Não se deve entender a ação essencial e recíproca que acontece na relação EU-TU em termos de sentimentos. Tal ação imediata, direta gratuita por assim dizer, uma vez que acontece na situação EU-TU que é gratuita, une dois seres humanos, acontece entre os dois; ela é essencialmente recíproca. Os sentimentos são, ao contrário, possuídos pelo EU. Eles acompanham a relação. O amor acontece entre um EU e um TU. Os sentimentos acompanham o amor. Este não se identifica com aqueles.

Um dos pontos centrais da antropologia de Buber é, sem dúvida, a questão do outro como TU. Este é para Buber o fundamento ontológico e existencial de todas as outras realidades e ações humanas. O TU é o fundamento do "nós" e este o esteio da comunidade.

Buber distingue quatro aspectos essenciais e indispensáveis a qualquer relação EU-TU, aspectos a que, de algum modo já nos referimos. São eles: a reciprocidade, a presença, a imediatez e a responsabilidade.

A reciprocidade indica, como o próprio termo exprime a existência de uma dupla ação mútua entre os parceiros da relação. "A árvore não é uma impressão, afirma Buber, um jogo de minha representação ou um valor emotivo. Ela se apresenta "em pessoa" diante de mim e tem algo a ver comigo, e eu, se bem que de modo diferente, tenho algo a ver com ela. Que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade".

A relação EU-TU não se reduz à esfera humana, ou melhor, o TU, como vimos, não é necessariamente um ser humano. Porém, é na esfera das relações humanas que a reciprocidade pode atingir seu grau mais elevado. Na relação dialógica a palavra da invocação recebe a resposta. A reciprocidade rompe então o imanentismo do EU lançando-o no encontro face a face. É aí que o EU e o TU se presentificam. A presença é justamente o momento, o instante da reciprocidade. Esta presença recíproca é a garantia da alteridade preservada.

O TU não pode ser função do EU, como se fora mera coisa determinável na trama da causalidade universal; o TU é encontrado em sua alteridade, ele é confirmado como outro.

Além disso, nenhum meio se interpõe entre os parceiros do encontro. A relação é imediata, direta. Nenhum esquema conceitual ou idéias prévias, nenhuma imagem, nem fins nem antecipações. Na atitude EU-TU dialógica não me relaciono com o outro através de sua função social. "Todo meio é obstáculo", diz Buber. O TU se dá na presença e não na representação.

Por se tratar de uma ação recíproca entre os presentes no diálogo, esta relação é também responsabilidade. Buber situa o problema da responsabilidade imediatamente ao nível da vida vivida. Ele não a aborda ao nível de uma ética autônoma, de um "dever" abstrato. Na realidade, a vida humana é vivida em situações concretas de relações inter-humanas. A verdadeira responsabilidade se encontra onde há possibilidade de resposta. A responsabilidade se torna então o nome ético da reciprocidade, uma vez que a resposta autêntica se realiza em encontros inter-humanos no domínio da existência em comum. "As palavras de nossa resposta são pronunciadas na linguagem da ação. O que dizemos por nosso ser é que nós nos entregamos à situação, que entramos na situação, nesta situação que vem de nos interpelar". (Buber — EU e TU — 1978).

Por outro lado, há diversos modos de existência caracterizada pela atitude EU-ISSO. Buber os resume em dois conceitos: experiência — *Erfahrung* — e a utilização ou uso — *Gebrauchen*. A experiência estabelece um contato na estrutura do relacionamento, de certo modo unidirecional entre um EU, ser egótico, e um objeto manipulável. Este relacionamento se caracteriza pela coerência no espaço e no tempo; ele é coordena-

nável e submetido à ordem temporal. Ao tomar a atitude EU-ISSO o EU não se volta para o outro, mas encerra em si toda a iniciativa da ação. “Eu considero uma árvore”, diz Buber. Ela é meu objeto, um ISSO; delimitado por outros objetos, uma soma de características externas. O EU da experiência e da utilização não participa do mundo; a experiência se realiza “nele” e não entre ele e o mundo. O homem que após a relação dialógica se tornou em ELE é um conglomerado de qualidades, não vejo nele o outro.

O mundo do ISSO, ordenado e coerente, é indispensável para a existência humana; ele é o lugar-comum onde nós nos entendemos com os outros. Ele é parte integrante do nosso *Lebenswelt*. Buber o chama de reino dos verbos transitivos. Embora essencial para a existência humana, não pode, pensa Buber, ser considerado o sustentáculo ontológico do inter-humano. A afirmação taxativa, como vimos há pouco, do primado da relação EU-TU, não deve levar à conclusão de que a atitude EU-ISSO seja algo de negativo. A diferença entre as atitudes não é ética. Não se deve distingui-las em termos de autenticidade e inautenticidade. Enquanto humanas as duas são autênticas. Para Buber o EU-ISSO é uma das atitudes do homem em face do mundo graças à qual podemos compreender todas as aquisições científicas e técnicas da humanidade. Em si o EU-ISSO não é um mal; ele se torna fonte do mal na medida em que o homem se deixa subjugar por esta atitude, movido pelo interesse de pautar todos os valores de sua existência unicamente pelos valores inerentes a esta atitude, deixando enfim fenecer o poder de decisão, de responsabilidade de disponibilidade para o encontro com o outro”. “Se o homem não pode viver sem o ISSO, diz Buber, não se pode esquecer que aquele que vive só com o ISSO não é homem” (EU e TU – 1978).

Para Buber a existência humana é tecida pela alternância das duas atitudes. Uma, mais duradoura e mais estável, dando ao homem sensação de segurança, e a outra – EU-TU – mais fugaz e mais rara e difícil. Não há duas espécies de homens, mas duas possibilidades permanentes de ser homem. Homem algum é puramente pessoa e homem algum é puramente egótico.” Há homens, afirma Buber, cuja dimensão de pessoa é tão preponderante que se podem chamar de pessoas, e outros cuja dimensão de egotismo é tão preponderante que se pode lhes atribuir o nome de egóticos. Entre aqueles e estes se desenrola a verdadeira história”. (EU e TU – 1978).

Não podemos deixar de externar certa apreensão diante da ênfase com que Buber distingue as duas atitudes. Buber, na realidade, emprega termos um tanto radicais quando fala da transformação do TU em ISSO ou ELE; ele se refere à “grande melancolia de nosso destino”. Em outra parte ele afirma: “Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo tenha esta deixado de atuar ou tenha sido

impregnada por meios, o TU se torna um objeto entre objetos, talvez o mais nobre, mas ainda um deles, submisso à medida e à limitação". "Cada TU, prossegue Buber, é condenado pela própria natureza, a tornar-se uma coisa, ou então, a sempre retornar à coisidade". Segundo Buber, a pessoa a quem encontrei na relação EU-TU, após os breves instantes desta relação, já não é uma pessoa mas simples objeto, um ELE. Podemos notar, em toda obra de Buber, uma extrema atenção à experiência cotidiana, vivida. Ele mesmo foi um exemplo deste vínculo estreito entre pensamento e ação. Agora, se nós nos voltarmos à nossa experiência cotidiana concreta de nossas relações com nossos semelhantes vemos que as coisas não se passam exatamente do modo tal qual descreveu Buber. Na verdade, existem atitudes que, embora não sejam autênticas relações EU-TU, nem por isso são meramente EU-ISSO. Se, por acaso, numa relação inter-humana não se estabelece uma relação EU-TU, meu parceiro deve ser necessariamente considerado um objeto? Talvez seja este o ponto mais crítico da versão de EU e TU de 1923, aliás nunca revista pelo autor em suas sucessivas edições. Em obras posteriores, o próprio Buber parece ter amenizado esta dualidade com aparência maniqueísta dos dois mundos e das duas atitudes.

O fenômeno da relação foi descrito por Buber como emprego de vários termos: a relação essencial, diálogo, encontro, inter-humano. Tais conceitos não são simples sinônimos. Encontro e relação não designam uma mesma experiência. O encontro é algo atual; a relação engloba o encontro; ela possibilita um encontro sempre renovado. A "*Beziehung*" — relação, é possibilidade de atualização da "*Begegnung*" — encontro. O diálogo é para Buber a forma explicativa do fenômeno do inter-humano. O inter-humano é a realização concreta da vida dialógica, uma vez que, nesta situação, uma pessoa se confronta realmente com outra, cada uma confirmando a outra reciprocamente. No inter-humano não há lugar para as aparências para o simples "estar-ao-lado-do-outro", para a imposição, a falsidade. O dialógico se realiza no inter-humano como um voltar-se para o outro, bem determinado, e concreto, e este ao voltar-se alicerça o estabelecimento de um "nós" que resguarda a individualidade, a responsabilidade e a liberdade de cada um. O "nós" congrega todos pela força de um centro comum; ele é o esteio da comunidade. Buber critica a forma atual de existência social tanto na vida política quanto na vida econômica. Segundo ele, o homem atual deixou-se engolfar pela prepotência do mundo do ISSO, do mundo da utilização-na economia e da dominação — na ordem política. Buber lançou um apelo contra o perigo representado pela atomização social provocada pelo capitalismo; em substituição propõe a realização efetiva do desejo profundo do homem: o da vida em comum. Para Buber é a estreita relação pessoal ao outro — a presença — que define a especificidade da chamada aldeia comunitária utópica. A vida comum não concerne somente à produção e ao consumo, mas sobretudo ao trabalho, às idéias, aos sentimentos, em suma, à totalidade da pessoa

confirmada como tal pela relação com outras pessoas da comunidade. Buber chegou a propor a instalação de “comunidade de comunidades” para se chegar a um socialismo autêntico. A proposta social de Buber é, de certo modo, utópica na medida em que, não só visa a elaborar planos institucionais para o futuro, mas sobretudo pelo esforço em fundar o futuro das relações humanas sobre uma base diferente daquela apresentada até então. Para Buber somente este novo tipo de relações humanas – o dialógico – pode garantir qualquer mudança no estado em que o homem se encontra atualmente. Tal foi, creio, a grande contribuição de Buber, com sua filosofia do diálogo, ao pensamento antropológico contemporâneo.